

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS ENFERMEIROS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

Laura Akemi Storer Makita¹
Rosimara Oliveira Queiroz²
Herbert Leopoldo de Freitas Góes³

RESUMO

Objetivo: Analisar as condições de saúde e formação profissional dos enfermeiros atuantes na Atenção Primária à Saúde. **Método:** Estudo descritivo, exploratório e de caráter qualitativo, desenvolvido com enfermeiros em Unidades Básicas de Saúde. A coleta de dados ocorreu entre setembro e dezembro de 2021, por meio de entrevista com roteiro semiestruturado, além de um questionário para coleta de questões sociodemográficas e trabalhistas. Foram excluídos alunos e residentes, funcionários afastados e contratados por tempo determinado. Os dados foram tratados e categorizados com técnicas descritas por Bardin. Os preceitos éticos da pesquisa foram respeitados. **Resultados:** A partir da interpretação das falas, emergiram duas categorias: Exigências do trabalho influenciando na continuidade dos estudos; O trabalho alterando o comportamento de saúde próprio. Percebeu-se que os enfermeiros possuem dificuldade em dar continuidade aos estudos, bem como relatam que o estado de saúde próprio é diretamente influenciado pelas exposições a que são impostos no ambiente de trabalho. **Conclusão:** Os fatores psicossociais e a desvalorização do trabalho influenciam diretamente nas condições de saúde destes profissionais.

Palavras-chave: Profissionais de enfermagem. Perfil de Saúde. Atenção Primária à Saúde.

¹ Enfermeira pela Universidade Estadual de Maringá – UEM (2016-2019). Mestre em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá – UEM (2020-2022). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá – PSE/UEM (2022-2025).

² Enfermeira pela Universidade Estadual de Maringá (2015). Especialista em Saúde da Criança e do Adolescente, na modalidade de Residência em Área Profissional pelo Hospital Pequeno Príncipe (2018). Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (2020). Atualmente Doutoranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá.

³ Enfermeiro pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (1986-1990). Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP/USP (1996-1999). Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP (2004-2009). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS ENFERMEIROS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

**FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS ENFERMEIROS NA
ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE**

INTRODUÇÃO

As transições ocasionadas pela globalização e estabelecidas pelos sistemas de saúde de cada país impulsionam as instituições a se transformarem, gerando novos desafios na formação acadêmica dos profissionais de saúde, que, em contrapartida, se torna mais eficiente diante dos indicadores de saúde, garantindo melhoria da qualidade de vida da população (FROTA, 2020). No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) foi regulamentando a partir da lei Orgânica da Saúde 8.080, de 1990, que tornou a saúde como direito universal dos cidadãos. A partir deste momento o papel do profissional de saúde, bem como sua profissionalização se tornou ponto chave para consolidar o sistema de saúde no país (GAWRYSZEWSKI, BOLOLENTA & FARIAS, 2021).

Os trabalhadores de enfermagem são o elo fundamental entre a equipe multiprofissional nas instituições de saúde, entretanto, as situações as quais ficam expostos no ambiente de trabalho impactam diretamente no processo saúde-doença e, apesar destas condições, a enfermagem está em uma fase de ascensão de vagas no mercado de trabalho seja para profissionais com curso superior ou técnicos, podendo optar pela atuação em áreas diversas (GUIMARÃES & FELLI, 2016).

Nesse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e projetos pedagógicos dos cursos superiores de enfermagem, especificamente, necessitam de transformações na formação profissional que habilitem estes trabalhadores dentro de um sistema, com objetivo de integralidade condizente com a situação sanitária e social do local (MATTIA, KLEBA & PRADO, 2018).

Assim, as adversidades ocorrem em todos os níveis do Sistema Único de Saúde (SUS) e, em relação à Atenção Primária à Saúde (APS) e às práticas aplicadas, também ocorre um cenário de fragilidades que demanda novas perspectivas e práticas educacionais para a transformação da formação profissional em saúde, a partir de técnicas inovadoras no eixo da graduação, pós-graduação e no cotidiano dos profissionais em atuação nos serviços de saúde, que proporcionem novos significados ao trabalho baseados nas necessidades locais (MESQUITA-LAGO, 2018).

A APS é uma das portas de entrada do usuário ao Sistema Único de Saúde e tem por finalidade organizar o fluxo de pessoas aos demais níveis de complexidade e focar na promoção da saúde (LUA, 2018). Os enfermeiros da APS lidam com um fator de estresse e pressão no trabalho, o que gera um perfil de adoecimento biopsicossocial nestes profissionais, que precisam de equilíbrio emocional para a melhoria do seu atendimento e enfrentamento dos conflitos.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS ENFERMEIROS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

Neste sentido, os trabalhadores se tornam propensos a doenças, em função do estresse em diferentes níveis, afetando a sua saúde e a qualidade do serviço da instituição (SILVA et al. 2017; BARRETO et al. 2021).

Tendo em vista as mudanças no mundo moderno, entende-se que, para melhorar o cuidado na assistência ao usuário, é necessário analisar a atuação dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde e a relação desta com as condições de saúde apresentadas em sua formação profissional. Desta forma, os resultados desta pesquisa poderão justificar possíveis intervenções que promovam melhorias nas condições de trabalho destes profissionais, para que estes possam atender a população com menor dano a sua saúde (SILVA & CUNHA, 2016).

Com base nos estudos apresentados, o objetivo desta pesquisa é analisar as condições de saúde e formação profissional dos enfermeiros atuantes na Atenção Primária à Saúde, seguindo a questão norteadora: A atuação do enfermeiro nas unidades básicas de saúde possui relação com as condições de saúde e formação dos profissionais?

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de caráter qualitativo que foi desenvolvido com enfermeiros atuantes nas Unidades Básicas de Saúde da cidade de Maringá, no estado do Paraná.

Foram realizadas entrevistas entre setembro e dezembro de 2021, em 34 Unidades Básicas de Saúde do município de Maringá norteada por um roteiro semiestruturado construído pela pesquisadora, e foi aplicado um questionário contendo 09 questões referentes a dados sociodemográficos, de trabalho e de saúde. Salienta-se que os profissionais foram deixados à vontade para assinalarem no questionário quantas alternativas achassem necessárias quanto à formação profissional e exposições, justificando os resultados.

Foram excluídos os possíveis participantes alunos e residentes, funcionários afastados e contratados por credenciamento (temporários) que estivessem em serviço durante o período da coleta, devido à demanda imposta pela pandemia por COVID-19.

A pesquisa contou com 27 participantes entrevistados, os quais não conheciam previamente a pesquisadora responsável pela coleta e estes foram abordados e selecionados por conveniência nas unidades. As entrevistas foram conduzidas individualmente no próprio ambiente de trabalho, em salas separadas dos atendimentos rotineiros e gravadas em aparelho MP3, transcritas e posteriormente tratadas, com técnicas descritas por Bardin (BARDIN, 2015; CARDOSO,

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS ENFERMEIROS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

OLIVEIRA & GUELLI, 2021), em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretações.

A partir das transcrições e interpretação das falas, a partir do referencial teórico pautado nas políticas públicas em saúde, foram originadas duas grandes categorias para análise e compreensão dos resultados, sendo estas: Exigências do trabalho influenciando na continuidade dos estudos e O trabalho alterando o comportamento de saúde próprio. Este estudo foi autorizado pela Assessoria de Formação e Capacitação Permanente dos Trabalhadores de Saúde (CECAPS), com parecer favorável e número do ofício 1262/2021/GPLAN/SAÚDE, e pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (COPEP-UEM), com parecer favorável número 4.948.165. Ademais, todos os preceitos éticos contidos na Resolução nº466/2012 foram respeitados.

RESULTADOS

Foram realizadas 27 entrevistas, sendo 24 enfermeiras e 3 enfermeiros. No questionário entregue anteriormente ao início das entrevistas, foi constatado que 9 dos entrevistados possuem agravos de saúde diagnosticados anteriormente à profissão e, após o início da carreira, este número subiu para 12, mostrando um aumento significativo de morbidade nos profissionais. Além disso, no mínimo, 8 enfermeiros que foram diagnosticados após o início da profissão possuem mais de 1 agravo e os demais (6) não relataram nenhum agravo, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1. Presença de doenças e agravos diagnosticados e uso de medicação contínua antes e depois do início da profissão em enfermeiros na Atenção Primária, Maringá, PR, 2021.

	Número de Enfermeiros	
	ANTES	DEPOIS
Uso de medicação contínua	7	12
Doenças/Agravos diagnosticados	9	12

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Quanto ao uso de medicações contínuas, anteriormente à formação profissional, 7 enfermeiros já utilizavam e, após o término da graduação e a inserção no ambiente de trabalho como profissional de enfermagem, este número se tornou maior, subindo para 12 enfermeiros que fazem o uso de medicação diariamente.

A caracterização dos profissionais identificou que a maioria dos enfermeiros que trabalham na Atenção Primária do município possuem mais de 10 anos de formação e a maioria realizou pós graduação (especialização) após a graduação. Dentre estes que possuem especialização, 3 deles possuem mestrado na área, conforme mostra o Quadro 2.

Quadro 2. Caracterização da formação profissional e cargas de trabalho dos enfermeiros, Maringá, PR, 2021.

	Enfermeiros
Tempo de formação:	
<10 anos	5
10 – 20 anos	14
>20 anos	3
Ignorado	5
Estudo após a formação:	
Especialização	24
Mestrado	3
Doutorado	0
Nenhum	3
Número de vínculos empregatícios	
01	26
02	1
Exposição a cargas	
Física	14
Química	6
Biológica	20
Psicossocial	24

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

*O número superior a uma alternativa assinalada pelos profissionais entrevistados no formulário, justificam os números maiores que o total de participantes em algumas variáveis.

Quanto ao número de vínculos empregatícios, foi constatado que a maioria dos enfermeiros de saúde da Atenção Básica possui somente um vínculo e quanto às cargas as quais estes profissionais são expostos no ambiente de trabalho, foi relatado que a carga psicossocial é a mais presente no ambiente da APS, seguida da exposição biológica.

Categorias de análise

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS ENFERMEIROS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

Os resultados permitiram construir duas grandes categorias de análise: Exigências do trabalho influenciando na continuidade dos estudos; O trabalho alterando o comportamento de saúde próprio.

Exigências do trabalho influenciando na continuidade dos estudos

Percebeu-se que o fator tempo foi um dos impedimentos relatados pelos profissionais para continuar estudando, apesar da maioria dos trabalhadores possuírem apenas um vínculo empregatício. A enfermagem possui um regime de trabalho, muitas vezes, desgastante, com jornadas intensas e carga horária que muitas vezes não permite um espaço livre suficiente com opções de exercer outras atividades.

Não dá tempo, eu trabalho oito horas por dia. Oito horas. E não ganho licença para estudar [...] eu teria que estar me ausentando do local de trabalho para estudar (E5).

Não dispomos de plano de carreira. Nós não temos nenhum benefício em relação à questão de especialização e nem se eu quisesse cursar mestrado, doutorado, não tem condições de casar a carga horária com o trabalho pelo meu vínculo empregatício, sou celetista, não tenho direito a licença (E9).

Vai trabalhando, vai ficando e o trabalho são 40 horas semanais. Rotina, problemas pessoais. Não consegue (E17).

Foram mencionadas as dificuldades pessoais, visto que muitos constituíram família após a formação, entretanto, mesmo que a demanda familiar não imponha certas restrições de disponibilidade aos profissionais enfermeiros, a carga horária e a rotina de trabalho sempre estão presentes nos relatos:

Não tenho tempo e agora eu tenho dois filhos pequenos, não consigo mais, nesse momento não consigo fazer mais nada (E7).

A segunda categoria surgiu quando os enfermeiros foram questionados quanto à influência do trabalho em seu comportamento de saúde e com a transcrição das respostas se formaram duas subcategorias: O trabalho como influenciador no comportamento de saúde; Hábitos de vida e trabalho.

O trabalho alterando o comportamento de saúde próprio

Os enfermeiros relataram novamente questões como carga horária para agora justificar a suposta negligência em seu comportamento de saúde, além de questões psicológicas desencadeadas pelo estresse e alta demanda do serviço.

[...] por lidar com o processo saúde-doença diariamente você se automedica, diagnóstica, já sabe o que tem que fazer. Faz tempo que eu não tenho uma noite de sono reparadora. Questão do estresse, ansiedade e irritabilidade (E9).

Principalmente pela jornada de trabalho, a gente trabalha em horário comercial então toda vez que eu preciso ir em alguma consulta [...] eu sempre tenho que dar atestado e acabo esperando férias ou recesso, [...] acaba postergando (E24).

DISCUSSÃO

Observou-se, no presente estudo, que enfermeiros atuantes na APS estão expostos a cargas físicas, biológicas, químicas e psicossociais que influenciam no seu comportamento de saúde e, conseqüentemente, nas doenças e agravos diagnosticados após o início da carreira. Isso ocorre devido à precarização do ambiente de trabalho em que se encontram, a qual é causada pela falta de recursos humanos e materiais que levam ao aumento da carga horária de trabalho exigida do profissional e à falta de reconhecimento social e financeiro (BARRETO et al. 2021).

Nesse contexto, um estudo acerca das condições de trabalho que os trabalhadores de enfermagem são submetidos constatou que a sobrecarga de trabalho deve ser avaliada como uma consequência de fatores, a saber, a falta de profissionais qualificados e o ambiente insalubre e estressante, fator esse que levou um estudo realizado em um hospital público da região Norte do país a concluir que os enfermeiros são a categoria de enfermagem que mais se afastam do serviço por questões de saúde (BARDAQUIM et al. 2019).

Em diversos estudos, podemos corroborar os resultados obtidos neste momento quanto à sobrecarga psicológica, carga exposta em quase 90% dos entrevistados. Em uma pesquisa realizada em 2009, foi possível concluir que mais de 70% dos enfermeiros consideram a demanda emocional do ambiente de trabalho alta e a associação deste fator com transtornos

mentais (ASSUNÇÃO & PIMENTA, 2019).

Enfermeiros relataram que um fator influente em seu comportamento de saúde próprio foi a pandemia causada pela COVID-19, que causou agravos à saúde destes profissionais, principalmente, pelo aumento da carga física e emocional. Corroborando com estudos já realizados, é possível concluir que este cenário é vivenciado no trabalho por muitos trabalhadores da categoria que relataram que, após o início dos atendimentos a pacientes com COVID-19, bem como o distanciamento social imposto pela situação e o medo da exposição ao vírus, aumentaram as crises de ansiedade, os diagnósticos de depressão e os sintomas de síndrome de Burnout (DOS SANTOS, 2021).

Como observado, os enfermeiros reconhecem a carga psicossocial e biológica a que estão expostos, porém a carga física e química não foi mencionada de forma ampla, como visto em um estudo publicado na revista *Ciência, Cuidado e Saúde*, realizado na cidade de Londrina – PR, que concluiu que há falhas no processo de capacitação destes profissionais quanto ao conhecimento do próprio ambiente de trabalho (MARTINS et al. 2013).

Outra questão observada foi a insatisfação dos enfermeiros, em sua maioria do sexo feminino (88,9%), quanto ao reconhecimento e à falta de plano de carreira, que caracteriza aumento de remuneração e benefícios trabalhistas. Tal percepção pode ser comparada ao estudo realizado com 143 enfermeiros de uma rede municipal de saúde em Minas Gerais, que constatou que a satisfação com o trabalho é influenciada pelo nível de escolaridade da equipe de enfermagem, visto que os enfermeiros se encontraram menos satisfeitos do que as outras categorias inseridas na equipe. Isso ocorre, segundo o estudo, devido às diferentes expectativas dos profissionais graduados em nível superior e dos que possuem ensino médio completo e curso técnico (ASSUNÇÃO & PIMENTA, 2019).

Por se tratar de uma profissão majoritariamente feminina, as questões de gênero acabam gerando discussões frente ao papel social e histórico da mulher que influencia diretamente na questão econômica e política da categoria, visto que a construção da valorização de uma profissão é fruto do contexto histórico ao qual ela está inserida. O papel da enfermeira é visto até os dias de hoje de forma estereotipada e estas questões não são amplamente discutidas no espaço de formação destas profissionais, influenciando negativamente no reconhecimento e na valorização de seu papel (DIAS et al. 2019).

Os enfermeiros estão predispostos a doenças ocupacionais devido à precarização do ambiente de trabalho, à carga horária excessiva e à falta da quantidade adequada de profissionais

capacitados para o serviço. Estes fatores podem interferir na condição de saúde na vida pessoal do profissional de enfermagem, de tal modo que o número de afastamentos por condições de saúde é alto nesta categoria e deveria influenciar as instituições quanto a estratégias para reduzir as cargas às quais estes estão expostos, a fim de melhorar o descontentamento com o trabalho, reduzir o adoecimento ocupacional e melhorar o atendimento à saúde do usuário do serviço (SOARES, GOMES & ARAÚJO, 2020).

CONCLUSÃO

A formação profissional do enfermeiro acaba sendo interrompida com sua inserção no mercado de trabalho devido às condições de trabalho oferecidas, sendo estas: Carga horária excessiva, falta de profissionais qualificados, exposição a cargas físicas, biológicas, químicas e principalmente, na Atenção Primária à Saúde, psicossociais.

Isto ocorre devido ao regime de contratação da maioria, celetista, que não permite a busca por especializações, pela falta de direitos trabalhistas para a educação e a inexistência de plano de carreira que garanta aumento de remuneração para profissionais mais qualificados.

Neste contexto, o enfermeiro precisa adiar sua entrada no mercado de trabalho para se qualificar, contudo, a realidade social não condiz com estas oportunidades e, portanto, acaba finalizando sua formação profissional com a conclusão da graduação.

Desse modo, o enfermeiro torna-se desatualizado quanto aos seus conhecimentos, o que pode acarretar prejuízos à população usuária do sistema de saúde.

O profissional inserido neste nível de atenção lida com os agravos de saúde da população, gestão do serviço e ainda está sujeito aos conflitos sociais da comunidade, tornando a questão psicossocial, o problema mais citado entre eles.

Diante dos resultados apresentados, é possível inferir que os enfermeiros atuantes na APS estão sujeitos ao adoecimento ocupacional, principalmente acarretado pelo estresse, bem como que a busca pela continuidade da formação profissional é prejudicada pela carga horária de trabalho.

A limitação deste estudo é decorrente do número de participantes e do método empregado, que pode não levar a interpretações das respostas dos entrevistados de forma fidedigna, mas levanta questões importantes a serem discutidas no mundo do trabalho.

Nesse sentido, as evidências apresentadas mostram que estes fatores podem influenciar diretamente nas condições de saúde destes profissionais, além de interferir no atendimento ao

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS ENFERMEIROS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

usuário do Sistema Único de Saúde, justificando que as instituições de saúde programem estratégias para a redução da carga psicossocial, bem como promovam discussões a respeito de carga horária semanal e direitos trabalhistas para proporcionar continuidade da formação de funcionários públicos, conduzindo a benefícios para a categoria como maior reconhecimento e satisfação com o trabalho e, conseqüentemente, melhorias para o atendimento ao usuário.

FINANCIAMENTO

O presente estudo foi fruto de dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá – UEM, e teve apoio financeiro da CAPES.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, A. A.; PIMENTA, A. M. Satisfação no trabalho do pessoal de enfermagem na rede pública de saúde em uma capital brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 25, n. 1, p. 169-180, 2019. DOI: 10.1590/1413-81232020251.28492019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020251.28492019>. Acesso em: 31 jan. 2022.

BARDAQUIM, V. A. et al. Reflexão sobre as condições de trabalho da enfermagem: Subsídio às 30 horas de trabalho. **Rev. Enfermagem Contemp.** v. 8, n. 2, p. 171-181, 2019. DOI: 10.17267/2317-3378rec.v8i2.2466. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v8i2.2466>. Acesso em: 31 jan. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. Edições 70, 2015.

BARRETO, G. A. A. et al. Condições de trabalho da enfermagem: Uma revisão integrativa. **REVISIA**. v. 10, n. 1, p. 13-21, 2021. DOI: 10.36239/revisa.v10.n1.p13a21. Disponível em: <https://doi.org/10.36239/revisa.v10.n1.p13a21>. Acesso em: 31 jan. 2021.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, K. G. M. Análise de conteúdo: Uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**. v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/2347/1443>. Acesso em: 31 jan. 2022.

DIAS, M. O. et al. Perception of nursing leadership on the fight against the precariousness of working conditions. **Rev Esc Enferm USP**. v. 53, e03492, 2019. DOI: 10.1590/S1980-220X2018025503492. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2018025503492>. Acesso em: 31 jan. 2022.

DOS SANTOS, K. M. R. Depressão e ansiedade em profissionais de enfermagem durante a **FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS ENFERMEIROS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE**

pandemia de COVID-19. **Escola Anna Nery**. v. 25, e20200370, 2021. DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2020-0370. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0370>. Acesso em: 31 jan. 2022.

FROTA, M. A. et al. Mapeando a formação do enfermeiro no Brasil: Desafios para atuação em cenários complexos e globalizados. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**. v. 25, n. 1, p. 25-35, 2020. DOI: 10.1590/1413-81232020251.27672019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020251.27672019>. Acesso em: 13 fev. 2021.

GAWRYSZEWSKI, B.; BOVOLENTA, M. B.; DE FARIAS, M. E. A. Técnico em Enfermagem: Aspectos sobre o trabalho e profissão. **Trabalho & Educação**. v. 30, n. 3, p. 181-199, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/download/29276/29746/118811>. Acesso em: 31 fev. 2022.

GUIMARÃES, A. L. O.; FELLI, V. E. A. Notificação de problemas de saúde em trabalhadores de enfermagem de hospitais universitário. **Rev. Bras. Enfer.** v. 69, n. 3, 2016. DOI: 10.1590/0034-7167.2016690313i. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2016690313i>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LUA, I. et al. Poor self-assessment of the health of primary health care nursing workers. **Trab. Educ. Saúde**. v. 16, n. 3, p. 1301-19, 2018. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00160. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00160>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MARTINS, J. T. et al. Significados de cargas de trabalho para enfermeiros de pronto socorro/emergência. **Ciência, Cuidado e Saúde**. v. 12, n. 1, p. 40-46, 2013. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-38612013000100006. Acesso em: 31 jan. 2022.

MATTIA, B. J.; KLEBA, M. E.; PRADO, M. L. Nursing training and professional practice: an integrative review of literature. **Rev. Bras. Enfer.** v. 71, n. 4, p. 2039-49, 2018. DOI: 10.1590/0034-7167-2016-0504. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0504>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MESQUITA-LAGO, L. P. et al. Analysis of professional practices as a multiprofessional residency education tool. **Interface (Botucatu)**. v. 22, (Supl. 2), p. 1625-34, 2018. DOI: 10.1590/1807-57622017.0687. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622017.0687>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SILVA, C. C. S. et al. Burnout e tecnologias em saúde no contexto da enfermagem na Atenção Primária à Saúde. **Esc. Anna Nery**. v. 21, n. 2, e20170031, 2017. DOI: 10.5935/1414-8145.20170031. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20170031>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SOARES, S. G. C.; GOMES, M. R. S.; ARAÚJO, M. O. Relação entre condições de trabalho e saúde do enfermeiro emergencista. **Rev. Enferm. Atenção Saúde**. v. 9, n. 2, p. 95-110, 2020. DOI: 10.18554/reas.v9i2.3553. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18554/reas.v9i2.3553>. Acesso em: 31 jan. 2022.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS ENFERMEIROS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

SOUZA, V. D. O.; CUNHA, L. S. Perfil socioeconômico e de saúde dos trabalhadores de enfermagem da policlínica Piquet Carneiro. **Rev. Mineira Enfer.** v. 16, n. 2, 2016. Disponível em: <http://reme.org.br/artigo/detalhes/524>. Acesso em: 09 nov. 2021.